

ELOÁ PIMENTEL – VÍTIMA DA COBIÇA DE UMA MÍDIA SENSACIONALISTA E EGOÍSTA

Por: Bárbara Girardi | Jornalismo 6º Semestre

Resumo: Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, assassinada no dia 18 de outubro de 2008, teve sua vida transformada em um filme de ação sensacionalista, pela mídia brasileira. O pior de tudo, ela nem foi a protagonista da própria história. Todos os holofotes estavam voltados para o ex-namorado, agora sequestrador da vítima, Lindemberg Alves, de 22 anos. Fazendo de tudo para enaltece-lo como um “cidadão de bem”, que somente estava passando por uma crise de ciúmes, a mídia colocou a vida de Eloá em risco ao atrapalhar as negociações da polícia. Algo que seria eventualmente crucial para a sobrevivência da garota. Vemos todos os equívocos cometidos pela polícia e pela mídia, retratados acompanhados de comentários de militantes feministas e um representante jurídico, no documentário “Quem Matou Eloá?”, produzido e dirigido por Lívia Perez, em 2015.

Palavras-Chave: mídia, sensacionalismo, feminicídio, machismo, Eloá.

INTRODUÇÃO

Os eventos retratados no documentário “Quem Matou Eloá?”, de Lívia Perez, aconteceram no ano de 2008. Já fazem dez anos de um dos crimes mais perturbadores da história do Brasil. E o motivo não poderia ser mais atual. Reflexos de uma sociedade machista.

A resposta para a pergunta do título parece bem óbvia. Eloá Pimentel, de 15 anos, foi assassinada a tiros pelo ex-namorado Lindemberg Alves, de 22, no dia 18 de outubro de 2008, após cinco dias sendo mantida em cativeiro dentro do próprio apartamento. Porém, será que foi isso mesmo? Será que ninguém mais foi culpado pela morte **extremamente** evitável de uma menina tão jovem? A polícia inerte que não conseguiu invadir um simples apartamento para dar conta de um homem com apenas uma arma? Ou a mídia sensacionalista com complexo de urubu que ficou se alimentando da “carniça” do sofrimento da garota para ganhar audiência?

Os pontos chave do documentário são estes. Em discutir a forma que a mídia tratou este caso de forma quase **pejorativa**, podia-se dizer. Tratar um crime violento destes como um “crime de amor” é um tapa na cara de todas as mulheres que estão com as televisões ligadas em casa. Romantizar um relacionamento abusivo, simplesmente porque “ele era trabalhador e não tinha antecedentes criminais” é pegar o movimento feminista, amassá-lo e jogá-lo no lixo.

Em todas as coberturas jornalísticas sobre o caso, só se falava sobre o rapaz, a vida do rapaz e em como ele era apaixonado por ela, coisas assim. Era como se o que menos importasse fosse a própria vida dela. Como se a culpada por estar sendo mantida em cativeiro e ameaçada com uma arma fosse ela mesma, por ter cometido a “audácia” de terminar com um menino tão bonzinho. Afinal, ela não tem vontade própria, não é mesmo? Ela não pode simplesmente não querer mais.

O documentário passa isso de forma que faz o espectador sentir raiva. As montagens dos telejornais, seguidas por comentários das mulheres entrevistadas, refutando tudo o que as reportagens disseram é de revoltar até o último cabelo. O segmento do filme é montado justamente para fazer o espectador ficar com vontade de estapear todo e qualquer jornalista que falou todas aquelas coisas estapafúrdias sobre esse caso.

Como exemplo, um dos comentaristas do programa “A Tarde é Sua”, apresentado por Sônia Abrão, chegou a apresentar a pérola “no final, tudo vai acabar em pizza e eles vão se casar”. Claro, porque é super normal uma garota ficar loucamente apaixonada por um maníaco que prendeu dentro de casa e a ameaçou com uma arma. Isso é a cultura do estupro e o machismo impregnado na sociedade.

As reportagens transformaram a figura de Lindemberg em um homem apaixonado, que estava fazendo aquilo por amor. E fizeram de Eloá uma espécie de “santa” após sua morte, pois vários órgãos da garota foram doados para outras pessoas que precisavam. Parafraseando uma das entrevistadas, tenho certeza que Eloá não queria ser lembrada como uma “santa”. Ela queria estar viva.

Parte 1 – Importância Para o Audiovisual

Em uma realidade onde vemos, cada vez mais, feminicídios sendo cometidos, precisamos falar sobre a importância de um caso como estes para o audiovisual. É importante pensar que, mesmo parecendo um conteúdo de conscientização, para com a interferência da mídia em um caso de polícia, o documentário não precisa de muitas frases para fazer o espectador sentir raiva da mídia por ter feito tudo aquilo.

Bastaram apenas algumas compilações de reportagens antigas que noticiavam sobre o assunto, para que quem assistisse percebesse que a mídia foi muito imprudente. Os depoimentos das entrevistadas apenas enfatizavam o que todos nós já estávamos sentindo ao ver tudo aquilo.

Precisamos de um documentário como este, e precisamos que as pessoas assistam, para que não se repita o que aconteceu com Eloá. Para que a mídia não trate um sequestro à mão armada, como sendo um “desespero de um rapaz apaixonado”, completamente piegas, que trata a garota como vilã da história por ter cometido a audácia de não querer mais estar em um relacionamento.

Ainda mais nesta época atual, onde o movimento feminista e o combate ao machismo nunca se fizeram tão presentes. É necessário mostrar para a sociedade que mulher nenhuma é propriedade de homem nenhum. Que elas têm o direito de ir e vir, e que podem terminar um relacionamento a hora que bem entenderem. E que a culpa de um crime horrendo destes, *nunca* é culpa da vítima. Nunca, em hipótese alguma.

Eloá era uma menina de 15 anos. A sociedade insiste em “adultizar” as mulheres e “infantilizar” os homens, com frases do tipo “nessa idade, ela já sabe muito bem o que faz”, e “ele tem só x anos, é um garoto ainda”. Nesse caso (e em vários outros que vemos por aí), a responsabilidade de maturidade não é de uma menina de 15 anos. Lindemberg tinha 22 anos na época do crime. Uma pessoa de 22 anos já deveria ter maturidade o suficiente para: 1º - não mexer com uma menor de idade, ainda por cima, muito mais nova. E 2º - entender que não é, e nunca será dono(a) de outra pessoa. Afinal, não vivemos mais na época da escravidão.

O documentário foi lançado em 2015, quando ainda não tínhamos muitos conteúdos de cunho feminista. Sim, é sobre um crime, sim é para retratar que a mídia cometeu um equívoco, mas também serve para mostrar às garotas que nenhuma delas merece passar por esse tipo de situação. Então, pode-se considerar um grande salto para as produções que temos agora, em 2018, que abordam este tema com bastante responsabilidade e coerência.

Parte 2 – Conteúdo do Filme

O documentário possui 25 minutos de duração. Porém, estes 25 minutos dão a sensação de muito mais tempo. As intermináveis compilações de reportagens, juntamente com falas estapafúrdias de jornalistas e comentaristas, nos transmitem a sensação de estarmos assistindo a um filme de uma hora e tantos minutos.

Nós somos apresentados a diversos trechos de reportagens que mostram o polêmico crime. Vemos várias cenas que tratam o caso como pouca coisa, vemos a incompetência da polícia em invadir o apartamento para resgatar as garotas, vemos o plano “genial” deles de enviar Nayara, amiga de Eloá, de volta ao cativado, e vemos a mídia tratando tudo isso como um crime passionai. O que seria “passional”?

Dizer que uma coisa dessas é um ato de amor em rede nacional, é uma atrocidade seríssima. Tudo bem, estamos falando de 2008, mas, mesmo assim.

No meio disso, ainda temos uma situação mais absurda. Durante o programa “A Tarde é Sua”, transmitido pela RedeTV, a apresentadora Sônia Abrão interrompe bruscamente as negociações policiais para telefonar para o apartamento onde o sequestro estava acontecendo. Essa atitude foi crucial para o destino da vida de Eloá.

Segundo as reportagens, Lindemberg estava gostando de toda a atenção que estava tendo da mídia, e todas as coberturas ininterruptas. Em quase todas, ele era tratado como vítima, como um “pobre coitado apaixonado que fez isso apenas por amor”. Nenhuma citou Eloá diretamente como vítima. Nenhuma

cobertura disse que ela era uma menina inocente que estava sendo feita refém por um maníaco que acha que o mundo gira ao redor dele. Tal atitude contribui, e muito, para a cultura do machismo.

Inclusive, um dos comentaristas do programa “A Tarde é Sua”, chegou a falar que no final de tudo, a situação iria acabar em pizza e os dois iriam se casar. Sim, ele disse uma coisa horrorosa dessas. Quem, em sã consciência, se casaria com o próprio sequestrador?

As entrevistadas dos depoimentos argumentam bem segundo aquilo que o espectador está pensando. E se não estão pensando, elas despertam isso na mente de cada um que está assistindo. Por que as reportagens não trataram Eloá como a maior vítima da situação? Isso tudo tem uma resposta: irresponsabilidade da mídia.

Precisamos falar sobre todo um conceito de cultura do machismo imposto na cobertura do caso. Entre as compilações de reportagens, tudo o que vemos a mídia fazer é enaltecer a personalidade do criminoso e romantizar o crime. Além de colocar a culpa na vítima, é claro. Esse foi um dos motivos pelos quais Livia Perez se interessou em produzir o documentário.

“Minha maior motivação foi o fato de que em nenhum momento da intensa cobertura midiática do crime se usou a expressão “violência contra a mulher”, apesar de estarmos diante de um caso clássico deste tipo de crime e de o Brasil ser um dos países líderes em feminicídio no mundo” **Livia Perez, em entrevista para o CartaCapital.**

O fato da mídia cobrir o caso, chamando-o de “crime de amor”, é ainda mais machista. Romantizar uma relação abusiva é um dos maiores erros que alguém poderia cometer. Várias mulheres famosas já passaram por relações desse tipo. Por exemplo, podemos ver a relação da pintora Margaret Keane, retratada no filme “Grandes Olhos”, de 2015. A escritora J.K. Rowling, cujo filme biográfico “Magic Beyond Words” foi lançado em 2011. Mulheres extraordinárias, que fizeram coisas grandiosas após se livrarem do encosto da relação abusiva. Talvez, Eloá pudesse ter sido uma dessas mulheres.

Como se não bastasse ela ter sido morta, Lindemberg ainda tentou assassinar a amiga dela, Nayara, com um tiro na boca. Existe uma grande probabilidade de Nayara ter sido a única a tentar ajudar Eloá a sair desse relacionamento abusivo. Pois, o próprio sequestrador diz, em uma das diversas tentativas de negociação, que a “Barbie” (como ele chamava Nayara) estaria colocando besteias na cabeça de Eloá.

Nayara também estava sendo mantida em cativeiro, e foi terrivelmente usada como uma ferramenta de negociação da polícia. Após ter sido libertada, os policiais pediram que ela retornasse ao cativeiro para que ela ajudasse nas negociações. Ninguém parou para pensar no risco que essa menina estava correndo ao voltar? Que essa era uma ideia absurda? Não vamos esquecer que ela, assim como Eloá, também tinha apenas 15 anos.

O documentário ainda trata do que aconteceu com ela após a morte da amiga. Os veículos de comunicação foram para cima da garota como abutres desesperados por comida. E para que, exatamente? Na entrevista exclusiva que Nayara deu ao Fantástico, poucos dias após o fim do caso, todas as perguntas feitas a ela foram relacionadas aos detalhes do cativeiro.

“- Ele pedia beijo para ela, fazia ela beijar ele.

- Só?

- Só.

- E ela beijava?

- Beijava. Às vezes ela não queria e tal, aí ele começava a ficar nervoso e eu falava ‘Vai, Eloá, faz um esforço, né?’ **Entrevista de Nayara com a repórter Renata Ceribelli para o Fantástico.**

Imagine que sua amiga próxima foi assassinada em um crime brutal, no qual você estava junto, você também se machucou, está cheio de traumas emocionais, e a você, é pedido para narrar os últimos momentos de vida da sua amiga em rede nacional. Detalhe: você tem 15 anos. Foi o que Nayara teve que suportar. Afinal, os abutres nunca iriam perder uma carniça boa, não é?

Uma das entrevistadas, a militante feminista Analba Teixeira, afirma que esse conteúdo da entrevista não é informação de interesse público, e ela está coberta de razão. O que mais “o Brasil inteiro” está interessado em saber além da garota ter sido forçada a beijar seu agressor (uma forma de estupro, por sinal)? A revelação bombástica de que ela teria sofrido violência sexual? Porque, sim, a intimidade de uma garota é de interesse do Brasil inteiro.

Um ponto que o documentário deixa implícito é como a cobertura do caso seria feita se ele tivesse acontecido nos dias de hoje. Em 2008, a Lei Maria da Penha estava em vigor havia apenas dois anos. Redes sociais como Twitter e Facebook possuíam muito menos usuários. Instagram ainda não existia.

A repercussão, com certeza, iria ser muito maior, pois agora, vários pontos de vista seriam analisados, não apenas o que a mídia estaria mostrando. Grupos e movimentos feministas estão muito em alta atualmente. Veríamos hashtags, textões no Facebook, vídeos no Youtube, entre várias outras manifestações. A polícia iria tomar mais cuidado na hora de negociar, e a mídia não iria transformar este crime em uma novela.

Claro, as possibilidades de a violência cometida ter sido a mesma de dez anos atrás, são enormes e quase certas. Afinal, se ainda precisamos discutir sobre feminicídio, e a quantidade de vezes que ele acontece por dia, é porque a sociedade tem muito o que evoluir.

Há outro ponto questionável, que o documentário não abordou. Em nenhum momento a grande diferença de idade entre Eloá e Lindemberg foi abordada como sendo bizarra para um casal. Eles iniciaram o relacionamento quando ela tinha 12 anos, e ele, 19. Agora, o que um homem de 19 anos tem na cabeça para se relacionar com uma menina de 12? *D-o-z-e a-n-o-s*. Uma criança.

A sociedade precisa parar de pensar nisso como algo normal. Crianças desta idade, apesar da cultura machista e misógina insistir em dizer que elas já sabem muito bem o que estão fazendo, não, não sabem. É exatamente o contrário. Elas *acham* que sabem. Mas é impossível ter a maturidade de um adulto aos 12 anos de idade. Agora, com 19, já é bastante plausível que alguém tenha noção de que namorar uma criança é doentio.

Há também a insistência em querer culpar a mãe da garota por permitir o relacionamento. Sim, claro que os pais também precisam ter uma participação nisso, afinal, essa não é uma idade adequada para pensar em coisas como relacionamento, ainda mais com um maior de idade. Porém, quem é mais culpado nisso? A menina, imatura e influenciável, a mãe, omissa e permissiva, ou o aproveitador que sabe que ela é uma criança, muito mais nova que ele, mas ainda sim, consegue pensar em algo tão repulsivo como sexo com uma garota de 12 anos?

Não há como evitar comparações com outros crimes onde a imprensa fez uma cobertura digna de abutres. Como por exemplo, o caso relatado no documentário “Ônibus 174”, de José Padilha, onde ele mostra os eventos acontecidos no dia 12 de junho de 2000, no Rio de Janeiro. O sequestrador do ônibus, assim como Lindemberg, era igualmente perturbado.

A diferença entre os dois casos, é da cobertura da imprensa. Enquanto no caso do ônibus, temos uma mídia que joga toda a culpa em cima do sequestrador, por ter tido uma infância conturbada, ser forçado a entrar para o crime logo cedo, coisas do cotidiano de um jovem de origem humilde. Já no caso de Eloá, a mídia tentou, de todas as maneiras, “passar um pano” em Lindemberg, pois aparentemente, ele era um bom moço, trabalhador, sem antecedentes criminais...

Além disso, nos dois casos, vemos a incompetência da polícia em proteger as reféns. Sim, as reféns, pois no Ônibus 174, as dez reféns que permaneceram com o sequestrador durante as cinco horas de pânico, eram mulheres. A polícia conseguiu a *peripécia* de acertar um tiro na refém Geísa Firmo Gonçalves, que estava sendo usada como escudo humano pelo sequestrador. Após este também lhe acertar a coluna com um tiro, a refém veio a falecer.

Vemos como, nos dois casos, a vida de mulheres inocentes é posta em segundo plano pelas autoridades. É como se os Direitos Humanos estivessem sendo aplicados de maneira seletiva, protegendo apenas os criminosos, descartando as vítimas. Como se proteger a integridade de um bandido perturbado fosse mais importante que proteger uma vítima inocente.

No final, ainda vemos outra compilação com mais reportagens retratando outros feminicídios. Todas elas falam quase a mesma coisa. “Um homem inconformado com o fim do relacionamento”, ou “por motivo de ciúmes”. E todas acabam com uma mulher assassinada. É triste pensar que coisas horrendas como estas são tratadas como “crimes passionais”. Isso pode ser qualquer coisa, menos amor.

Parte 3 – Linguagem Audiovisual

Pode-se resumir a linguagem audiovisual do filme em uma palavra: angustiante. Não há uso de trilha sonora sensacionalista (algo muito diferente do que o que a mídia cobrindo o caso faria), não existe romantização do caso, o que aqui foi levado como o que realmente é, um absurdo. Ao longo de 25 minutos, apenas uma pergunta fica pairando pela cabeça do espectador: por que eles fizeram isso?

A diretora Livia Perez soube muito bem retratar a dor de um feminicídio, sem precisar apelar para o sensacionalismo. Na verdade, o único toque de sensacionalismo usado aqui, foi justamente o dos trechos retirados das reportagens, que foram colocados como forma de crítica. É uma crítica real e severa, muito diferente da sutileza que vemos em “Ilha das Flores”, onde Jorge Furtado faz quase um deboche sobre a situação das mulheres e crianças que vivem no aterro, quando ele faz todo aquele teatro apenas para dizer que os porcos devem comer primeiro antes dos pobres.

Aqui, é quase como se recebêssemos um puxão de orelha, toda vez que vemos algum membro da imprensa soltando uma pérola em rede nacional. É vergonhoso pensar que jornalistas, sem preparo algum, se intrometeram nas negociações da polícia, que custaram a vida de uma menina, apenas para ter um furo de reportagem. Como jornalistas, nosso dever é informar os fatos à população. Porém, até onde podemos chegar para conseguir estes fatos?

Além do mais, temos uma sutil menção de como nenhuma das reportagens abordou a questão do relacionamento abusivo em que Eloá se encontrava. É como se todos os repórteres estivessem mais interessados em enfiar a câmera em cima da menina, do que, garantir o bem-estar dela. E, realmente, foi o que aconteceu.

Esse caso há uma enorme semelhança com a série britânica antológica “Black Mirror”, que trata a tecnologia como a grande vilã de todos os episódios. No caso, a grande vilã seria a mídia brasileira. A cobertura atrapalhou toda uma operação policial. Deixar as câmeras filmando o tempo todo, sabendo que Lindemberg estava assistindo tudo pela televisão, foi um equívoco gigantesco.

A cena de abertura chama atenção. Enquanto somos apresentados aos primeiros trechos das compilações de reportagens, vemos as imagens mescladas junto com vídeos de abutres voando. Isso carrega uma simbologia enorme. É isso o que nós, jornalistas, somos. Abutres. Meros abutres sobrevoando uma boa e chamativa carniça.

Os planos visuais usados por Lívia Perez, no momento dos depoimentos das militantes, são semelhantes aos planos usados por Eduardo Coutinho no longa “Jogo de Cena”. Vemos um fundo parcialmente escuro, a luz focada apenas na entrevistada, e todas elas estão sentadas, levemente inclinadas para a direita. É um plano interessante e curioso de se usar, bastante comuns em documentários do Discovery Channel, por exemplo, sempre que vemos um depoimento de algum participante.

Em meio as imagens, várias partes de jornalistas falando o quanto o Brasil inteiro iria amar vê-la salva e bem. Sim, realmente, iríamos amar se ela estivesse bem. Porém, era mesmo necessário enfiar as câmeras no rosto da garota meio segundo após ela deixar o cativeiro? A resposta é sim, afinal, precisamos de audiência, não é mesmo? Foi por isso que ela nunca saiu de lá viva.

Parte 4 – Montagem do Filme

A montagem é feita de uma forma bastante peculiar. Começa e termina com as compilações de reportagens, além de mostrar trechos delas no meio do filme. Tais trechos mesclam com o depoimento das entrevistadas, que servem como “uma pausa para respirar”, já que elas justamente falam o que nós estamos pensando ao ver aqueles trechos.

Vemos desde o início, as compilações de reportagens adicionadas com o depoimento das pessoas entrevistadas. Entre as entrevistadas, temos várias

militantes feministas. Elas assistem às reportagens, indignadas com o que estão vendo. Inclusive, uma das mulheres critica justamente o fato do jornalista não estar prestando atenção na conversa com o sequestrador, por estar “tão excitado por estar dando um furo de reportagem”.

O filme vai seguindo, mostrando mais cenas de mais jornalistas tentando fazer contato com o sequestrador. Nas imagens, ele claramente demonstra sinais de psicopatia. Porém, a mídia continua tentando romantizar o caso, falando em rede nacional que ele era um bom moço, trabalhador, jogador de futebol, que nunca seria capaz de fazer uma coisa dessas.

Ao fazer uma afirmação assim, a mídia faz o telespectador se perguntar: se ele era um bom moço, por que ele está fazendo isso com a garota?

Consequentemente, implantando uma ideia de que a culpa possa ser da própria garota.

Também há toda uma questão da ética jornalística envolvida. Onde fica o limite? Tudo bem se enfiarmos a câmera em cima de uma vítima de um sequestro, sabendo que ela corre risco de vida, se a recompensa for uma audiência estrondosa? Há um treco, onde Britto Jr., na época, jornalista da Record TV, diz que toda a cobertura do caso foi feita de acordo com as normas e a ética, sem nenhum pinga de sensacionalismo. Claramente, não foi o que aconteceu.

A ética do jornalismo cita claramente no artigo 7º:

O jornalista não pode:

IV – Expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais;

V – Usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime;

O documentário mostra que todos os direitos à integridade de Eloá foram violados. Ainda mais quando o foco principal deixou de ser salvar a vida dela, para dar lugar a uma possível conversão de Lindemberg. Toda a mídia estava

voltada para ele, para os motivos dele, para a recuperação dele. Mas ninguém se preocupou com a saúde física e emocional de Eloá.

Áudios exibidos em rede nacional mostravam-no xingando e agredindo Eloá, pois eles também não fizeram questão de cortar os gritos da menina. Os policiais o questionaram sobre o que ele estava fazendo com ela dentro do apartamento. Ele respondeu que estava “agredindo minha namorada, essa desgraçada”. A única coisa que ela disse foi que não era sua namorada. Em seguida, o som dele acertando uma bofetada nela é exibido para todo o Brasil.

Era mesmo necessário constrange-la desse jeito na TV? Toda a cobertura deste caso, parece que foi editada e moldada para ser um filme de ação baseado em fatos. Uma das entrevistadas chega a citar isso no documentário. Se esse som da bofetada poderia ter ajudado em alguma coisa, seria para apressar os policiais a tomarem uma atitude para salvar a vida *dela*.

A cena final é de uma compilação de reportagens relatando casos de feminicídio. Vários nomes de mulheres são chamados em voz alta, enquanto ouvimos os repórteres citarem os motivos do crime. Em sua maioria, coisas estapafúrdias, como “ciúmes” e “inconformidade com o fim da relação”.

É um documentário para refletirmos um pouco mais sobre a situação das mulheres neste país. Quantos mais outros casos como o de Eloá vão precisar acontecer para o Brasil acordar e se dar conta de que a mulher não é propriedade de homem nenhum?